

ENTREVISTA

**ALÉM DO QUE SE VÊ: PENSANDO OUTRAS SENSIBILIDADES EM CAMPO.
ENTREVISTA COM MARÍA ELENA MARTÍNEZ TORRES E FABRÍCIO BRUGNAGO**

*Beyond what can be seen: Thinking about other sensibilities in field
research. Interview with María Elena Martínez Torres and Fabrício Brugnago*

*Más allá de lo que se ve: Pensando otras sensibilidades en el trabajo de
campo. Entrevista con María Elena Martínez Torres y Fabrício Brugnago*

Stephanie Sacco

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba
E-mail: stephaniefsacco@gmail.com

Fabrício Brugnago

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba
E-mail: fabricao.brugnago@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 15, 2023, e01510, p. 1-17

ISSN 2447-9837



APRESENTAÇÃO

O que acontece com a etnografia e a pesquisa antropológica de forma geral quando somos impedidos de nos encontrarmos pessoalmente? E o que acontece com o ensino desta mesma disciplina quando a sala de aula passa a ser virtual? Quais ações a Antropologia pode tomar em momentos extraordinários de crise? Nós fizemos estas perguntas no início do primeiro semestre letivo de 2020, quando a pandemia da covid-19 tomou proporções globais e nos fez adaptarmos ao perigo iminente de contágio, confrontando-nos com outras formas de relacionarmos e fazer pesquisa.

Apresentaremos aqui uma adaptação da transcrição do episódio *Além do que se vê: Pensando outras sensibilidades em campo* do podcast que então se chamava Observantropologia, que foi ao ar em diferentes plataformas de streaming em agosto de 2020. A fim de explorar as sensibilidades possíveis à distância para a pesquisa de campo e o ensino da Antropologia, Stephanie Sacco, então discente do programa de mestrado do PPGA-UFPB¹ e uma das âncoras do programa entrevistou Fabrício Brugnago, mestre e atualmente doutorando também no PPGA-UFPB (quem pesquisa alimentação no povo Xukuru do Ororubá a partir de metodologias sensíveis) e a professora María Elena Martínez Torres, docente do CIESAS-Sureste² no México e então professora visitante no PPGA-UFPB. Ambos foram escolhidos devido às suas experiências com o desenvolvimento de sensibilidades em seus campos de pesquisa no período da pandemia.

O Podcast Observantropologia foi um dos projetos colaborativos do Observatório Antropológico³, concebido como ação de divulgação científica. A equipe fundadora⁴ do Podcast propôs uma sequência de quadros que envolveram professoras, estudantes, representantes de movimentos sociais e pessoas que participavam como interlocutoras de pesquisa. Inicialmente eram dois quadros: *Pílulas Antropológicas* e *Antropologia a Conta-gotas*. No primeiro, convidamos professoras especialistas em

1 Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

2 Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia Social unidade Sureste (Chiapas, México).

3 Projeto de extensão que nasceu como iniciativa dos docentes e discentes do PPGA-UFPB para pensar a atuação da Antropologia em momentos extraordinários de crise. O Observatório Antropológico mapeava e fortalecia comunidades na Paraíba que tiveram seus problemas sociais intensificados pela pandemia. A equipe do projeto registrava as demandas das comunidades e buscava acompanhar suas respostas. Pensar sobre os processos da pandemia e fazer divulgação científica dos mesmos era parte desta ação.

4 O Podcast Observantropologia foi pensado e produzido pelas então pesquisadoras do PPGA-UFPB Camilla Lumatti Freitas, Stephanie Sacco e Patrícia Pinheiro, e contava então com a edição de Glauco Machado (pesquisador do Laboratório Arandu e do PPGA-UFPB), de Thiago de Lima Oliveira (pesquisador do Gueto e da Universidade de São Paulo) e de Anatil Maux de Souza (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).



temas relevantes para o momento de crise da covid-19. No segundo, convidamos estudantes que tiveram que repensar suas pesquisas também por conta da pandemia para debatê-las com discentes e pesquisadores especialistas. Neste segundo quadro se encontra o episódio que transcrevemos⁵.

O episódio que apresentamos aqui debate as duas primeiras questões levantadas no início deste artigo e mostra a mobilização destes afetos: o que acontece com a etnografia e a pesquisa antropológica quando somos impedidos de nos encontrarmos pessoalmente? E o que acontece com o ensino desta mesma disciplina quando a sala de aula passa a ser virtual? Tanto María Elena quanto Fabrício trabalham com comunidades tradicionais e exploram como pesquisadores e, no caso de María Elena, como docente, formas alternativas de pesquisa que envolvem o corpo e a experiência implicada de pesquisadores e alunos com sentidos para além da visão e da audição. Nesta conversa, eles trazem um pouco desta experiência como um laboratório metodológico que foi importante para a pesquisa remota durante a pandemia, mas que pode também servir de inspiração para pesquisas futuras em diferentes contextos.

O período da pandemia levou muitos de nós a nos fecharmos em nossas próprias experiências. Enquanto acadêmicos, ao nos privar dos caminhos tradicionais de pesquisa, nos sentimos menos produtivos, menos capazes de desenvolver os trabalhos etnográficos e as pesquisas de campo. Ao mesmo tempo, outras possibilidades se abriram, outros caminhos de reflexão foram construídos. As pessoas às vezes entram tão fortemente nas dinâmicas de suas atividades laborais que passam a pensar o espaço doméstico enquanto unicamente local de descanso e regresso à família. Já María Elena e Fabrício buscaram uma valorização do habitar esses espaços, o que fez com que se abrissem para outras formas de conhecimento – seja no plantar de Fabrício, conectando-se com ensinamentos Xukuru, seja no caso de María Elena, compreendendo um universo em relações vivas a partir dos próprios objetos de sua casa.

Os próprios processos vividos por cada um conformaram oportunidades para o desenvolvimento de ideias e práticas que levavam a alguns lugares em comum: pensar um corpo biológico, que possui conhecimentos de vida em construção contínua dentro de um ambiente que tem conhecimento e está vivo, tudo isso fazendo parte de um todo universal que se conecta por completo em relações e permeabilidades fluidas. Relações só são possíveis porque existem conhecimentos, assim já podemos pensar que esses conhecimentos não são exclusividade humana pois tudo está em relação. Os conhecimentos estão aí, enquanto ciência, que pode ser apreendida a

5 Agradecemos a colega Laís Cabral, também mestre em antropologia pelo PPGA-UFPB, pela transcrição do episódio.



partir de processos de sensibilidade e das capacidades hápticas⁶ de cada um.

Neste caso, partir dos próprios corpos em sensibilização é um primeiro caminho para se fazer ciência. E isso não é algo recente, não é uma tendência produzida na pandemia, na verdade é uma metodologia tão antiga que se tornou nova. Como María Elena diz, a ciência passou a definir caminhos especializados que não dialogam entre si e que não dialogam com outras formas de fazer ciência. Assim, nossa conversa foi um convite a valorizar uma ciência que não precisa da academia para sobreviver, mas que pode ter ela também enquanto um veículo. Se trata de um convite a compreender que o conhecimento está na vida, é fluido, e cabe a nós participar e cooperar, aprender a coabitar, a coexistir, utilizando nossos processos de consciência para romper com limites (inclusive na academia) e aprendendo com os povos originários que sempre o fizeram. Em algum momento a academia tomou caminhos de separação, mas os conhecimentos de colaboração já estão dispostos e experiências sendo desenvolvidas.

O texto a seguir é uma adaptação escrita do áudio de nossa conversa. Tentamos manter as falas de María Elena da forma original, apenas adaptando-as ao português escrito. Deixamos de lado alguns detalhes que estavam no áudio por serem menos pertinentes para o objetivo deste artigo, como vinheta e dicas para os ouvintes. Mas recomendamos que, após a leitura, você escute a conversa em áudio no seu tocador preferido e reflita: qual a diferença entre receber esse conteúdo de forma escrita e em áudio? Assim começamos a praticar as outras sensibilidades sobre as quais conversamos no programa.

ALÉM DO QUE SE VÊ: PENSANDO OUTRAS SENSIBILIDADES EM CAMPO

Stephanie Sacco: Hoje eu estou aqui com María Elena Martínez Torres e com Fabrício Brugnago para conversar sobre experiências de pesquisa em isolamento social para além da tela do computador e do celular. Mas antes de chegar nesse assunto, de apresentar vocês para as pessoas convidadas, eu vou voltar um pouco no nosso histórico de programas. No primeiro programa deste quadro, eu conversei com a Clordana Aquinio e com a Margarete Brito da APEPI⁷ sobre a pesquisa da Clordana com usuários e associações que defendem e lutam pelo uso da cannabis medicinal. O segundo foi mediado pela Patrícia e nele Matheus Motta discute um pouco dos desafios de sua pesquisa so-

6 O háptico aqui é pensado a partir de Paterson (2009), sendo a hapticalidade resultado de um conjunto de sentidos, no qual não podemos pensar individualmente o afetamento de cada um dos cinco sentidos humanos. Ele descreve uma natureza somática desses sentidos, em uma interação entre sentidos internos e orientações externas.

7 Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal: <https://www.apepi.org/>



bre a arte com barro no Alto do Moura, em Caruaru, com o pesquisador Darlan Neves da Rocha. Depois, a Camilla mediou uma conversa deliciosa com a Laís Neckel sobre a sua pesquisa cultural popular e políticas públicas com o músico Maciel Salú. Deu até saudades do carnaval. E por último, a Paty teve uma conversa sobre um tema difícil e importantíssimo, o luto, com o Weverson Bezerra e Poliana de Freitas.

Se você ainda não ouviu esses programas, vale a pena voltar e escutar. Mas em todo o caso, o que apareceu em todas as conversas, mesmo se tratando de pesquisas completamente diferentes, foi a emergência de um espaço virtual que antes nem era considerado nessas pesquisas. A Clordana entrevista seus e suas interlocutoras por videoconferência, o Mateus está em contato com os artistas do barro pelo whatsapp e, se tratando de cultura e música, claro que as *lives* apareceram na conversa com a Laís e o Maciel Salú, e as redes sociais na possibilidade na impossibilidade do luto em pessoa se tornaram um espaço de homenagem aos que se foram.

E de fato, se a gente for pensar bem, para todo mundo que tem o privilégio de ficar em casa e ter acesso à internet as horas em frente à telinha do celular ou do computador e os usos que a gente dá para esses espaços online aumentaram muito. A gente usa a tecnologia para estudar, para trabalhar, para socializar com os amigos, para paquerar... até festinha online está rolando. Sendo assim, é claro que esse ambiente se tornou um campo fértil para essas pesquisas acadêmicas. Mas convenhamos, já no quinto mês de quarentena, começa dar uma gastura de estar todo tempo online e depender das tecnologias para tudo. Será que existem alternativas para criar um espaço de pesquisa, durante o isolamento, que seja seguro e não online?

Para conversar sobre esse questionamento, convidamos duas pessoas que têm feito experimentos bem interessantes nesse sentido. O Fabrício Brugnago, que é meu companheiro de quarentena e está gravando aqui fisicamente do meu lado, que além de ser meu colega do mestrado de antropologia aqui na UFPB nós estudamos juntos na faculdade de relações internacionais lá na PUC de São Paulo. E a María Elena Martínez Torres, que é professora visitante aqui da UFPB, mas veio de Chiapas, no México, onde é docente no CIESAS. María Elena é minha coorientadora e ela arrasa nas experiências docentes fora da caixa. Antes de começar as perguntas e o debate com e entre vocês, eu queria pedir para vocês se apresentarem. María Elena, conta um pouquinho quem é você como pesquisadora, como docente e como ser humano nessa Terra.

María Elena Martínez: Bom dia, Stephanie, muito obrigada por este convite. Bom, um pouquinho sobre a minha vida. Eu nasci no Sul da cidade de México, quando essa zona era rural. Havia muitas árvores, os vizinhos plantavam milho, tinham animais. Minha mãe e meus avós foram camponeses, mas nós nunca tivemos terra, então



sempre era super lindo estar ali, mas nunca aprendi completamente a plantar. Meu pai e meus avós já moravam na cidade há mais tempo, eles eram carpinteiros. Eu tive essa experiência de crescer no meio do campo e ao mesmo tempo vivenciar como essas zonas se converteram em urbanas. Todos os espaços de construção eram novos espaços para nós, crianças, descobrirmos. Os novos canais, os tubos para drenagem, eram os nossos lugares para pesquisa quando íamos crescendo.

Conheci outros países primeiro, por uma mecenas de meu pai, a senhorita Atsuko Kurosawa. E por ela tínhamos em casa pinturas tradicionais características do Japão e eu gostava muito delas. Eu lembro que no ensino secundário eu pinteí uma delas. Também a filha de uma comadre da minha mãe era missionária no Sudão, então recebemos um periódico sobre a África, tinha muitas fotos, e eu queria ir lá. E esses interesses me levaram a estudar geografia na Universidade Nacional Autônoma do México. Entrar em uma universidade foi um grande cambio para minha vida, estudar lá foi a maior abertura para todo o mundo. E ali você estuda a natureza, o espaço, as sociedades. Gostei demais desse programa, por isso minha identidade profissional ficou como geógrafa. E ali também fizemos muitas, muitas visitas no interior do México e eu conheci a realidade do meu país, a grande diversidade física e cultural, e dali decidimos mudar para Chiapas, no sudeste, na fronteira com Guatemala, mais perto da natureza e dos povos originários.

Ao mesmo tempo, quando estava na graduação, eu cantei em um coro. Ali com eles tivemos a grande oportunidade de viajar a outros países. Era algo maravilhoso. Eu pude conhecer que existiam outras línguas, tive que praticar e falar inglês. Lembro que eu não sabia escrever, mas eu ouvia as canções e repetia. Depois de muitos anos eu entendi as letras e o que eu cantava, quando eu fiz meu doutorado na Universidade de Califórnia, em Berkeley. Ali eu fiz um programa de estudos latino-americanos que me pediram uma língua a mais e eu escolhi o português. Mas ainda não sou muito boa, porque como vocês podem estar escutando, eu estou falando portunhol. Espero que as escutas não tenham muito problema. Agora eu estou aqui na UFPB, como professora visitante, conhecendo essas terras maravilhosas do nordeste brasileiro e é um tremendo gosto participar com vocês, estudantes pesquisadores, neste *hermoso* projeto.

Stephanie Sacco: Muito obrigada María Elena por se apresentar. Eu adoro o portunhol. Acho que deveria ser a língua oficial da América Latina. Fabrício, só para se apresentar, conta pra gente um pouquinho quem é você na vida e sua pesquisa com o povo Xukuru.



Fabrício Brugnago: Bom dia Stephanie, bom dia María Elena. É um prazer estar aqui debatendo com vocês, que são grandes amigas de pesquisa e amigas de vida também. Bom, eu trabalhava com tecnologia, enquanto consultor de sistemas, e fiz minha graduação em relações internacionais. Terminando minha graduação, resolvi mudar de vida e passei a circular em uma kombi em projetos comunitários independentes, como cozinheiro e como palhaço. Rodei um bom pedaço do país, e em uma dessas chamadas do destino, ou melhor dizendo, um chamado dos encantados, eu acabei parando no território do Xukuru como cozinheiro de mutirão. O projeto era a construção de uma casa sagrada de cura no terreiro da Boa Vista. Esse processo acabou se tornando uma intensa pesquisa colaborativa para o povo Xukuru, onde fiquei um mês morando no terreiro e cozinhando ao lado de Dona Riselda, mestra da cozinha.

Foi um processo lindo. Cozinhamos em mutirões para 50 a 100 pessoas por dia. Tínhamos uma cozinha ao ar livre e fazíamos três refeições diárias, tudo preparado na fogueira de chão. Começávamos com o sol nascendo e terminávamos a noite, com o jantar para os que ficavam, usando somente alimentos produzidos ou coletados, doados pelos Xukuru. Era muita fartura. Diversidade de ingredientes frescos e muito xerém de milho. A mesma abundância estava nas conversas e receitas. Muitas memórias emotivas e sensíveis sobre a alimentação, isso tudo em meio a uma pluridiversidade cultural sendo compartilhada por técnicas construtivas: o manejo da palha, do barro, as músicas, a medicina tradicional e a espiritualidade. Com essa experiência eu me aproximei do povo Xukuru, mantendo a conexão até hoje. Em 2018, quando visitava o território, senti a tensão que havia com a possível eleição de Jair Bolsonaro. Havia muito medo e dúvidas nas pessoas. Pensando em fazer algo, decidi que eu queria estar nessa luta ao lado do povo Xukuru e escolhi a academia como ponto de ação, iniciando essa pesquisa sobre o significado da alimentação para o povo Xukuru.

Stephanie Sacco: Obrigada, Fabrício. Realmente eu sei da sua história, da sua conexão com o povo Xukuru. Eu sei que vocês dois estão experimentando formas de pesquisa e de experiência docente, no caso da María Elena, que mesmo em isolamento social vão muito além do mundo online. Então eu queria abrir essa conversa com vocês pedindo para vocês dois contarem um pouquinho de como vocês têm experimentado.

María Elena Martínez: Sim, veja. Já tenho muita caminhada trabalhando nas aulas há várias décadas. E nessa caminhada eu me dei conta que para aprender nós temos que fazer os temas mais perto de nós. Sempre, nas nossas aulas presenciais, eu incluía algumas dinâmicas, alguma movimentação de nosso corpo. Por exemplo, se falamos de espaço, então eu fazia algum tipo de exercício sem termos nossos espaços e de-



pois discutíamos uma leitura sobre isso. Se falamos da solidariedade, da sociedade, então eu fazia alguns jogos, de onde se via ali: o que cada um fez nesse jogo? Foi solidário? Não foi solidário. Porque quando fazemos um tipo de jogo, você não está dentro das estruturas que delimitam, quando você está no jogo, você faz como você é. Então eu tive muita oportunidade para fazer as reflexões com os estudantes a partir das suas experiências.

Agora, nessa etapa virtual, com esse momento de pandemia, tem muita angústia, se têm muitas dificuldades, se têm muitas necessidades, então o que estamos experimentando em todas as aulas que estamos dando são uma espécie de exercício que eu chamo de centramento, que é conectar com o corpo: começar devagar, baixar a velocidade de todo mundo nesse momento... que já por si nossa vida é muito rápida, mas com essa pandemia todo mundo está alterado. Então, voltar para o nosso corpo, conectar com o que estamos sentindo nesse momento. Respirar, devagar, sentir, fazer isso que chamo de centramento, é estar e tratar de estar conectado com o nosso corpo. Como está a posição da nossa coluna? Como está a tensão dos nossos músculos? É voltar para nós enquanto estamos escutando aos companheiros, as falas, enquanto estamos discutindo as leituras.

E também um pouco do que eu fazia sempre era trabalho de campo em todos os nossos cursos. Como neste momento não se pode fazer trabalho de campo, em um curso que estamos dando junto à UFPB e ao CIESAS e temos estudantes do México e do Brasil, o trabalho de campo que propomos é fazer uma observação de si mesma, como uma autoetnografia. O que passa com cada um dos estudantes, com suas famílias, com as regiões onde vivem, o que sucede, que notícias chegam, como sucedem os problemas, como se resolvem.... então estamos nesse experimento e vamos esperar o resultado de cada um deles e em duas semanas vão apresentar os resultados e vamos ver como fica. Tudo isso está em um nível experimental. E vamos ver como isso funciona.

Stephanie Sacco: Muito bem. Muito obrigada, María Elena. E você, Fabrício, o que você tem feito?

Fabrício Brugnago: Então, Stephanie, eu vou contar um pouco da experiência de conectar com o povo Xukuru a partir dos ensinamentos que eu tive principalmente com a agricultura. Como não consegui nessa pandemia falar muito com meus colaboradores de pesquisa, já que esses compreensivelmente não gostavam de comunicação online, passei a buscar uma conexão que não envolvesse as telas dos computadores e celulares. Essa conexão foi a partir de minha casa, que fica em meio a uma mata no



litoral sul da Paraíba. Passei a reproduzir técnicas Xukuru em minha casa como forma de manter essas linhas conectadas em meu dia a dia. Essa história começa antes da pandemia, em outubro do último ano, quando participei com María Elena do encontro Urubá Terra. Esse encontro é realizado anualmente onde se debate agricultura Xukuru enquanto bem-viver.

Existem rodas para debater a alimentação, debater a saúde pelas medicinas naturais, a inserção das crianças nas escolas, no contato com a terra, contação de histórias e o momento mais esperado é a troca de sementes. Cada um traz sementes de tudo que se pode imaginar. As sementes são dispostas em uma grande mesa com o nome de cada agricultor. Temos então o milho vermelho de Seu Real, feijão de Adelson, a fava de Dona Socorro, o jerimum do Seu Ciço. Cada um fala para os curiosos sobre suas sementes e suas experiências com elas. Ao fim, como crianças no Natal, todos correm para pegá-las a fim de plantar as sementes dos amigos, dos mestres e até as trazidas por viajantes. Quanto mais diversa era, melhor. Seu Real, agricultor Xukuru, gosta de chamar isso de *agricultura tudo junto e misturado*. Para ele, que isso também é uma forma de viver enquanto Xukuru, dentro de uma valorização da diversidade pelo entrelaçamento dessas malhas que tecem a todas as sementes e as histórias por trás de cada uma delas.

Seja uma história contada, seja a história vivida de um ano de seca ou de muita água, de uma terra sofrida ou de uma terra boa, da felicidade de uma colheita compartilhada. Com todas aquelas sementes distribuídas não tive como não ficar tentado a me emaranhar nessa malha. Trouxe logo uma garrafa pet com muitos tipos de sementes para a minha casa. Comecei então a praticar o meu roçado com os ensinamentos Xukuru. No povo Xukuru a maioria da preocupação está sempre no tempo e na água. A pergunta mais comum para abrir conversa era: “quantos milímetros de chuva caíram na terra do *cumpadi?!?*” Minha casa, como a maioria das casas Xukuru, tem somente água de cisterna. Eu só tenho água da chuva e preciso contar com o tempo para ter água. Claro que a temporada de seca do litoral da Paraíba não se compara com a do Sertão. Mas da mesma forma, o risco do fim da água é constante.

Em janeiro fui ao evento onde os sábios Xukuru compartilham a partir da leitura da natureza qual será a previsão do tempo para todo o ano, organizando o plantio e orientando os rituais necessários. Um deles é o tradicional plantio no seco, que acontece no dia de Iemanjá, em 2 de fevereiro. Plantar no seco, chama as chuvas para o roçado. Acompanhei então a tradição Xukuru e fiz meu plantio no seco, em minha casa, no dia 2 de fevereiro. Iran, que é um grande pesquisador Xukuru e promotor de uma agricultura do bem-viver, fala que o agricultor não tem que ser simbolizado pelas enxadas e mãos calejadas. Existe uma agricultura de sensibilidade para plantar. Iran dizia que quando o terreno é excessivamente limpo, ele passa a demandar os



mesmos cuidados ao longo do crescimento. Então, deixar as plantas de múltiplas espécies em harmonia é um importante caminho, até mesmo as consideradas pelas pessoas como daninhas.

Por exemplo, a braquiária, ela pode ser daninha em terrenos limpos para pastagem, onde tem espaço para dominar a paisagem, mas em pequenas quantidades ela é boa pois segura água e nutrientes do solo, compondo uma harmonia entre as plantas. Como resultado, em minha casa, nos lugares onde eu deixei o terreno mais limpinho, organizada, minhas hortas foram devoradas pelos grilos. Lugares onde eu plantei tudo misturado, observando as necessidades de cada planta de forma orgânica, elas cresceram bem. Cada dia dessa pandemia observei algo novo da natureza e do plantar. Cada mínima variável importa, já que meu solo não é muito fértil. A profundidade, o ângulo, a chuva, o vento, a terra, o composto, os animais, a lua, os rezos com o cachimbo.

Quando via um crescimento diferente, tentava entender o que tinha de diferente, me fazendo entender um pouco da complexidade da ciência do agricultor Xukuru. Ela se dá a partir de uma sensibilidade muito aberta entre humanos, sementes, natureza, astral e espiritual. Toda uma cosmologia de uma diversidade de cosmovisões se apresenta nesse conhecimento técnico em um emaranhado de histórias e observações sensíveis. Essa foi então minha forma de se aproximar a distância, a partir de ações e experiências, plantando e vivendo, conectado com os ensinamentos que tive. Por mais que não seja uma experiência Xukuru, eu me mantive conectado com minha pesquisa a partir de sentimentos produzidos por experiências práticas. Em pequenas mensagens com o povo Xukuru compartilhamos um pouco dessas vivências e, assim, mantemos esse laço de afeto tão importante para a pesquisa.

Stephanie Sacco: É interessante ver como vocês conseguiram, ambos em experiências diferentes, trabalhar com um sentido além da visão e para além da audição, porque a gente está trabalhando muito na internet. Mas então, eu quero abrir um espaço de debate entre vocês. Fabrício, talvez você queira começar fazendo uma pergunta para a María Elena.

Fabrício Brugnago: Bom, María Elena. Foi muito interessante todas as questões das experiências com o encantamento, com essas experiências de práticas. E eu queria saber um pouquinho mais de como os povos tradicionais que você passou e as comunidades em Chiapas e na América Central que você esteve influenciou na sua forma de pensar hoje e nesses métodos.



María Elena Martínez: Obrigada Fabrício. Eu acho que foi muito como você experimentou, o que acaba de explicar, tudo que você aprendeu ali. Trabalhando com a terra, eu acho que também aprendi o mesmo. Começou, sobretudo, morando em Chiapas, mas especialmente quando fazia parte de uma campanha para terminar o fim das violências para mulheres camponesas. Eu formei parte de uma equipe de apoio global para acampamentos indígenas, que também é uma maravilha. Todas essas conexões pelas telas permitem, essas redes globais, não só para as pessoas que tem muito acesso, mas também as pessoas que estão organizadas, defendendo suas culturas, suas terras. E ali, trabalhando com eles, era uma questão também de saúde. Eu já tinha esses métodos integrados nas aulas e, junto com um companheiro, fizemos umas oficinas de saúde e quem veio para essas oficinas foram dirigentes de alto nível de todos os países centro-americanos. E ali tinham essas mulheres e homens maravilhosos que tinham anos, uma trajetória de luta muito forte.

E quando fizemos, eu lembro muito quando fizemos esse exercício. Tiramos os sapatos e todos caminhamos com os pés no chão e vendamos nossos olhos e alguém ia acompanhando e dirigindo o outro. Eu lembro muito essa mulher liderança que me diz: “ah, quanto tempo... eu tinha esquecido como era caminhar descalça”, porque tinha tanto tempo fazendo documentos, fazendo administração na cidade, porque era uma liderança nacional com esse trabalho, junto com a terra... sua vida tinha mudado com todos esses cargos que ela tinha que fazer. E foi muito forte pra mim, muito forte. Me lembrei que minha mãe também viveu descalça até os dezesseis anos, também as populações que ficam perto de onde eu moro. E também muito do que eu ali compreendi é que tudo está ligado, tudo, e também a importância do corpo foi mais clara para mim, em como tudo está ligado.

Algo que acompanhando esses movimentos e organizações compreendi foi a importância do simbolismo, que nos ajuda a lembrar que todos somos parte desse universo, não? Que tudo está vivo. Temos muito treinamento para achar que “isso está vivo, isso não está vivo”. E foi precisamente no contato com eles que tudo está vivo, tudo tem um princípio de vida, por isso eles pedem permissão. Pedem permissão para plantar, para fazer, para colher, então essa ideia de todos somos parte de tudo, estamos ligados com tudo e ademais tudo está vivo, é uma das coisas mais importantes que eu compreendi, conheci e que tem feito parte de minha vida e das metodologias que utilizo nas escolas, nossos grupos.

Outra coisa que eu aprendi muito importante é esse ciclo de vida e morte, é muito difícil. Também temos muito treinamento para negar partes da vida. O que eu ali compreendi é que tudo, assim como você explicou Fabrício, dessa mistura, que



umas coisas se consideram boas, que outras não, mas bueno, tudo é parte da vida. E conhecer, aceitar, deixar que esteja ali. Também, voltar para o nosso corpo, porque nosso corpo é o mais perto do que temos da natureza. Se queremos conhecer a natureza, ela vai para o nosso corpo. Aqui está vivo, está tudo. Todos os dias estão nascendo muitas células e todos os dias estão morrendo muitas células. Então, esse microcosmos que eu sou é exemplo desse grande cosmos que nós participamos. E tratar com afeto, com carinho, com cuidado, a todas essas partes de mim, do meio ambiente, das pessoas e os seres e animais, tudo o que nos rodeia.

Por exemplo, algo muito importante dentro dessa pandemia, eu tenho entendido, é que essas paredes, esses solos, esses instrumentos que são precisos para nossa vida, também são natureza. Também são feitos de rochas, são feitos de elementos, que foram construídos pelos humanos, e tudo é natureza, tudo é parte da vida e todos temos que tratar com respeito, com solidariedade, com cuidado. Uma coisa que eu também compreendi é os grandes desafios que temos para lembrar disso, sobretudo que nossas línguas foram treinadas para falar como se fossemos separados... diz o nome de uma árvore e você acha que já compreendeu. Essa árvore é uma grande complexidade, muitos processos, a vida é um processo. Então pela mesma língua temos essas dificuldades, esse desafio. Então aprender a estar alerta, incluir dentro da vida sempre algumas dessas habilidades, perspectivas, que precisamente vêm dessa visão dos povos indígenas.

Stephanie Sacco: Muito bom! Obrigada María Elena, que lindo relato. María Elena, se você quiser fazer uma pergunta para o Fabrício também, nesse momento.

María Elena Martínez: Sim, Fabrício. Nessa caminhada eu tenho encontrado mais mulheres do que homens interessados nessas metodologias, nessas práticas da terra e do centramento. Como você se interessou por elas?

Fabrício Brugnago: Eu sempre gostei muito de cozinha, de alimentação, e quando eu saí para o mundo, para os meus projetos, indo em comunidades, eu fui encontrando esse mundo, que era um mundo feminino, era um mundo das mulheres. E eu fui entendendo que para eu poder me aproximar dele eu também tinha que fazer um grande trabalho com a sensibilidade nesses momentos. Me lembro por exemplo na Chapada dos Veadeiros, eu encontrei Dona María Luiza. Ela tinha uma horta maravilhosa com todos os tipos de plantas possíveis, todos os tipos de ervas. Um conhecimento medicinal incrível, um conhecimento de cura sensacional. Mas eu tinha a história, por exemplo, de amigos que chegavam lá e depois de alguns minutos eles eram quase



que expulsos do quintal dela, porque não tinham chegado lá com sensibilidade e ela não estava simplesmente para vender algo, e tinham que ir embora sem nada para comer. Aí eu fui fazendo essa aproximação, cada vez indo ou vindo, trabalhando a sensibilidade desses momentos e entendendo toda essa força que tem desse lugar da alimentação, desse lugar dessas hortas.

Outra coisa também que quando eu fui entrando dentro da antropologia e fui entendendo mais os caminhos que eu queria estudar, dentro da antropologia a gente lê muita coisa sempre, e vai aprendendo essas coisas que estão no mundo. Essa dualidade entre força e poder onde a força, normalmente, dentro do mundo espiritual, está ligada a sensibilidades com o cosmos. E essa sensibilidade sempre vem de uma ideia mais feminina que a gente tem, enquanto o poder está dentro dessa dominação masculina, essa questão da razão. E eu não queria ficar trabalhando dentro da minha pesquisa com essas estruturas de poder, desse tipo de debate, das instituições. Eu me interessei muito mais pela base que se estrutura disso. E eu acho que a alimentação está muito dentro disso e a alimentação está dentro desse universo da sensibilidade. Falando dessa questão da força e do poder, uma frase que me marcou muito foi a de Dona Zenilda, que é conhecida como a mãe de todos Xukuru, sua fala sobre a luta que está acontecendo hoje em dia com o governo foi: “eles podem até ter poder, mas nós é que temos a força.”

Então a luta Xukuru está muito estruturada nessa questão da sensibilidade e parte muito desse mundo que eu estou estudando dentro da alimentação, esse mundo das mulheres. Aí eu queria falar só como, acho que falei tanto aí dessa questão das forças das mulheres, eu queria só falar sobre algumas mulheres Xukuru que me inspiram, que tem trabalhado comigo, operando nas pesquisas. Seria a Dona Riselda que cozinhou comigo por tanto tempo, mulher de uma garra incrível, uma paixão pela cozinha, e todo mutirão que existe ela está lá, do começo ao fim, acreditando na luta, trabalhando e produzindo as coisas mais deliciosas possíveis, uma grande cozinheira. A segunda pessoa seria a Dona Socorro. Dona Socorro é uma outra cozinheira que estava morando em São Paulo, e voltou para o território Xukuru quando ela viu que estava acontecendo uma grande revolução a partir do cacique Xicão. E essa revolução aconteceu a partir dos atos de retomada de terra.

Nesses atos de retomada de terra sempre havia as cozinhas de campo, essas cozinhas que eram abertas e que, no dia a dia, estava lá Dona Socorro e essas mulheres, trabalhando e cozinhando, mas integradas naquela luta de uma forma estratégica, porque o debate da alimentação era algo essencial dentro dessa luta, porque a luta era pela terra, pelo bem-viver e por essa relação com aquele alimento que está se fazendo. E por último eu queria falar de Bela. Bela é uma jovem Xukuru, mas com



uma grandeza incrível que cuida do terreiro da Boa Vista, cuida da alimentação desse terreiro e ela foi a primeira mulher a ser *bacuroa* no território Xukuru. No território existe normalmente o *bacurau*, que é quem puxa o toré, puxa os cantos do toré. E aí ela foi a primeira *bacuroa*, se posicionando a frente e conduzindo o toré. Então eu agradeço a essas mulheres.

Stephanie Sacco: Muito obrigada Fabrício. Obrigada María Elena, por compartilharem um pouquinho suas experiências. E para ir caminhando para o fim da nossa conversa, eu quero fazer uma última pergunta. Vocês compartilharam sobre experiências docentes e experiências de pesquisas que exploram outros sentidos para além da visão e audição que a gente está acostumado. Minha pergunta é: será que esses experimentos valem como método científico ou então, como isso parece novo, qual será o processo para que esse tipo de experiência que vocês estão tendo fora da caixa – ou fora da tela, nesse caso – possam ser validados como metodologia científica?

Fabrício Brugnago: Bom Stephanie, eu vou responder, mas a questão como validade científica eu vou deixar para María Elena, que ela vai ser muito melhor para responder essa parte. Mas eu posso falar um pouco sobre os efeitos para mim de trabalhar dessa forma. Eu sinto que, enquanto eu passei esse período trabalhando com essa sensibilidade, a partir de tentar me conectar de outras formas com o povo Xukuru, conectar nesse pensamento de que estamos todos conectados e que a partir de nossas ações e experiências elas podem refletir. Eu sinto que às vezes... tem gente que exercita músculos, tem gente que exercita memória, eu senti que estava sentindo essas nervuras de sentido, onde esse nervos, ao exercitá-los, pude refletir sobre coisas que presenciei no passado e não compreendi, mas ao praticar eu comecei a entender melhor aquilo.

Ou também preparar essas nervuras para um futuro, que quando eu estiver de novo no território, quando eu receber, quando eu perceber, quando eu sentir aquilo, eu já vou ter meu corpo preparado para entender aquela informação. Estar preparado para entender de forma mais profunda, a me sensibilizar com a cosmologia e com o pensamento do povo a partir dos seus sentimentos. Eu acho que a gente às vezes quando entra nesse mundo enquanto antropólogos nos fechamos em pensar somente nos resultados de nossas etnografias, mas eu gosto muito de pensar nos processos, além de pensá-los só enquanto método, mas pensar enquanto o que a gente está vivendo, o que a gente está sentindo, o que a gente está aprendendo, o que a gente vai levar para as nossas vidas disso. É crescer como ser humano, aprendendo com essas pessoas, essas sensibilidades.



María Elena Martínez: Sim, eu também, eu acho que tudo é científico. Eu escutei caminhando com os povos potiguara, com os povos Xukuru (agradeço a Fabrício por me levar para lá), que a ciência é da mata. Eu estava escutando: a ciência é da mata. E veemente é que as duas são ciências. O método científico é importante porque está se baseando na observação, no registro. Você observa, você vê. Então, também se faz ciência da mata. Observar, registrar, de diversos modos, mas é científico. E o que estamos fazendo também é científico. O que é importante é que acho que a ciência, a academia, a universidade, muitas vezes, porque já temos muitos séculos de especialização de diferentes disciplinas, esquecemos a unidade do conhecimento. Se você vai a diferentes congressos você... eu este ano passado fui a diferentes congressos aqui no Brasil e tinham os mesmos temas: fui com os geógrafos, fui com os antropólogos, diferentes corpos acadêmicos que estavam trabalhando os mesmos temas. Então eu acho que é momento de voltar, sobretudo nesse momento que tudo está mudando e que temos um grande desafio para mudar, para não voltarmos às mesmas coisas. Voltar a misturar todas essas ciências.

Por exemplo, agora eu dei uma oficina de compreensão de leitura em inglês também, nesse período suplementar, o fizemos pela tela, mas a maioria dos estudantes eram de biologia, de física, e eles fizeram também exercícios de centramento e para eles é completamente novo. “O que está fazendo essa professora louca de ciências sociais”, muito interessante. E ali eu compreendi: “oh, claro, temos que misturar estudantes das naturais, das sociais, das tecnológicas”. E aqui eu quero fazer um convite para vocês, porque quem sabe quanto tempo dura nossas instituições para voltar, para mudar, para voltar a tratar de unificar esses conhecimentos que tanta especialização agora fez separado. Mas os estudantes poderiam se juntar e “vamos buscar alguém das naturais para esse projeto que estamos desenvolvendo, vamos buscar alguém das sociais para esse laboratório que estamos criando”. E ali, com essas diferentes formas que temos de terminar, de ver a vida.

Temos os povos originários, que temos a fortuna de estarmos morando perto dos lugares onde eles e também temos muitas pessoas... Brasil tinha uma política muito importante de inclusão. Temos pessoas dos povos indígenas, quilombolas, como estudantes dentro de nossas aulas. Então ali, fazer essas misturas, como disse o povo Xukuru, é com a ciência. São diferentes formatos, diferentes formas de chegar, mas ao fim é uma ciência. Por exemplo, nos mesmos calendários Maias, se tira muita observação. E agora você pode... eles seguem usando, e você pode usar que eles respondem ali o tipo de meio dia que parece dia, por exemplo. São diferentes formas de ver a ciência. E se baseiam nesse calendário para revisar: vamos a uma reunião? “ah, tá bom, vamos ver a energia desse dia”. “Ok, esse dia é bom”. Então,



existem diferentes formas de fazer ciência, mas acho que todas são científicas e válidas. E aí teríamos que convidar todos que também têm essas decisões nas nossas instituições, de abrir, de ter uma visão mais aberta e ter essa flexibilidade. Incluir nossas línguas que pedimos como regulamentares, também línguas que se falam em nossos continentes, não só as línguas ocidentais que não têm toda essa visão de este cosmos integrado. Então, temos muito caminho pela frente e muitos desafios, e toda essa contribuição científica para o conhecimento de todos.

Stephanie Sacco: Muito obrigada Fabrício e María Elena, mais uma vez, por essa conversa gostosa que foi muito para além da tela, que era a proposta do debate. A gente falou um pouquinho sobre conhecimentos de povos tradicionais que inspiram ambos e como eles influenciam na forma que vemos ciência. Essa influência parece que os fizeram entender que não há uma separação entre humano e natureza e que o nosso corpo é de fato nossa conexão direta com o mundo natural e o cosmos como um todo. A María Elena falou que é difícil mesmo a gente entender isso, que até faltam palavras em nosso idioma para explicar essa conexão.

As experiências de centramento da María Elena e as experiências com as técnicas de plantio Xukuru do Fabrício mostram como os nossos corpos, com todos os seus sentidos, não só pela audição e pela visão, podem ter um papel importante na forma de entender o mundo e pensar ciência. Por isso que mesmo às vezes mediados pela tela, é explorando todo o corpo e seus sentidos que podemos pensar em pesquisas para além do online, ainda mais em isolamento, com outros tipos de conexão. Muito obrigada por essa conversa tão bonita, sensível e de certa forma até inovadora. Espero que nossas e nossos ouvintes gostem também. Mais uma vez, muito obrigada María Elena e Fabrício por essas reflexões tão importantes. Reflexões metodológicas, profundas, pessoais e ancestrais ao mesmo tempo. Foi lindo compartilhar esse momento com vocês.



REFERÊNCIAS

Observatório de Antropologia Visual. Disponível em: <https://www.observantropologia.com/audiovisuais>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PATERSON, M. Haptic geographies: Ethnography, haptic knowledges and sensuous dispositions. *Progress in Human Geography*, v. 33, n. 6, p. 766–788, 2009.

Podcast “Antropotretas”. Além do que se vê: outras sensibilidades em campo. Podcast. 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://pod.link/antropotretas/episode/61a-550a69bd5683c29b9b492b396f044>.

